

Cultura Urbana, Algoritmos e Pastoral

Cultura urbana, algoritmos y pastoral

Urban culture, algorithms and pastoral

Danilo Pinto dos Santos¹

Tiago de Fraga Gomes²

Resumo: O imbricamento da cultura urbana com novas tecnologias e seus algoritmos têm causado profundas transformações na sociedade. Chama-se de regime da informação o processo pelo qual informações filtradas por algoritmos determinam processos sociais. Algoritmos moldam experiências sociais e religiosas em bolhas personalizadas, distanciando-as da comunidade eclesial e enfraquecendo instituições sociais. Fazem-no por meio da criação de bolhas de realidade que limitam a experiência da alteridade e fragmentam a percepção da realidade. Em razão disto, mudanças tem ocorrido no *ethos* religioso católico, com ênfase no individualismo e na autorreferencialidade. Surge, então, um *catolicismo que se curva para dentro*, caracterizado pelo apego a rotinas de consumo de conteúdos, experiência intensa com

¹ Mestre em História pela Universidade de Brasília, linha pesquisa em História Social e Múltiplas Formas (UnB). MBA em Gestão Empresarial pela UniRuy Wyden (WYDEN). Graduado em Teologia pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Intercâmbio de estudos no Centro de Formação Bíblica Ecce Homo (CFB, Israel). Secretário Executivo do Instituto Nacional de Pastoral Pe. Alberto Antoniazzi (INAPAZ) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

² Pós-Doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com estágio pela Ruhr-Universität Bochum (RUB, Alemanha). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Editor da Revista Teocomunicação. Secretário-Geral da Associação Nacional de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE).

os fascinantes conteúdos das infobolhas, dificuldade de interação social e religiosa. No regime da informação, a escuta atenta se torna crucial para a pavimentação de novo caminho pastoral e para a construção de nova cultura urbana solidária e fraterna.

Palavras-chaves: Cultura urbana; Pastoral; Escuta; Algoritmo; Regime da informação.

Resumen: La interrelación entre la cultura urbana y las nuevas tecnologías, junto con sus algoritmos, ha causado profundas transformaciones en la sociedad. Se denomina régimen de la información al proceso mediante el cual la información filtrada por algoritmos determina procesos sociales. Los algoritmos moldean experiencias sociales y religiosas en burbujas personalizadas, alejándolas de la comunidad eclesial y debilitando las instituciones sociales. Esto ocurre a través de la creación de burbujas de realidad que limitan la experiencia de la otredad y fragmentan la percepción de la realidad. Por esta razón, han surgido cambios en el ethos religioso católico, con una creciente énfasis en el individualismo y la autorreferencialidad. Así emerge un catolicismo que se repliega sobre sí mismo, caracterizado por el apego a rutinas de consumo de contenidos, una intensa experiencia con los fascinantes contenidos de las infoburbujas y dificultades en la interacción social y religiosa. En el régimen de la información, la escucha atenta se torna crucial para pavimentar un nuevo camino pastoral y construir una nueva cultura urbana solidaria y fraterna.

Palabras clave: Cultura urbana; Pastoral; Escucha; Algoritmo; Régimen de la información.

Abstract: The intertwining of urban culture with new technologies and their algorithms has caused profound transformations in society. The process by which information filtered by algorithms determines social processes is called the information regime. Algorithms shape social and religious experiences into personalized bubbles, distancing them from the ecclesial community and weakening social institutions. They do so by creating reality bubbles that limit the experience of otherness and fragment the perception of reality. As a result, changes have occurred in the Catholic religious *ethos*, with an emphasis on individualism and self-referentiality. Thus, a *Catholicism that turns inwards emerges*, characterized by attachment to routines of content consumption, intense

experience with the fascinating content of infobubbles, and difficulty in social and religious interaction. In the information regime, attentive listening becomes crucial for paving a new pastoral path and for building a new urban culture of solidarity and fraternity.

Keywords: Urban culture; Pastoral care; Listening; Algorithm; Information regime.

Introdução

As últimas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023) reconheceram no tema da cultura urbana um dos grandes desafios da ação evangelizadora, isto “porque o estilo de vida e a mentalidade dos ambientes citadinos se expandem sempre mais, alcançando os rincões mais distantes com todas as consequências – humanas, éticas, sociais, tecnológicas e ambientais, entre outras” (p. 27). A globalização, a mobilidade humana e as novas tecnologias abrandaram os limites entre o rural e o citadino, fazendo com que também nos ambientes interioranos sejam encontradas a pluralidade de pensamento, diversidade de serviços e, até mesmo, as assimetrias sociais e econômicas próprias da cultura urbana.

Tem-se em vista que “cultura é criação, é invenção. A cultura urbana é invenção constante. Há uma grande transformação em curso” (GOMES, 2016, p. 525). É possível perceber que “o mundo mudou muito nos últimos tempos e suas mudanças são mais percebidas em contextos urbanos” (KLEIN, 2011, p. 63). As novas dinâmicas de conectividade e de interatividade proporcionaram a mundialização da cultura urbana. Nesse sentido, urbanização e globalização são fenômenos concomitantes (AUGÉ, 2015, p. 37). No contexto urbano, as

demandas criam tendências. “O critério social preponderante é o mercadológico capitalista, que funciona sobre a base do princípio de causalidade, e é regido pela competência administrativa dos gestores ou provedores de serviços e pela satisfação dos clientes” (GOMES, 2016, p. 527). Sendo assim, em conexão com os sinais dos tempos (GS 4), a pastoral urbana não pode ser uma simples reprodução de um pensamento pronto e acabado, mas precisa estar atenta às questões e situações emergentes.

A pastoral urbana busca tocar e analisar as culturas religiosas com suas linguagens específicas, a fim de perceber a busca de sentido empreendida pelos cidadãos, com um olhar atento à procura da presença de Deus que habita na cidade (BRAVO, 2015, p. 128). É possível constatar que “a ação pastoral nas nossas cidades se encontra mais do que defasada, fragmentada numa variedade desconcertante de atividades e iniciativas, em sua maioria, desarticuladas entre si” (CALIMAN, 1994, p. 8). Essa “fragmentação pastoral” se deve, sobretudo, à incapacidade das estruturas e dos agentes de pastoral em integrar evangelização, sacramentalização, pastoral social e atendimento personalizado, com acentos diversos em cada uma dessas dimensões pastorais, dependendo da ênfase que determinado movimento eclesial ou serviço de pastoral dá à sua razão de ser dentro da Igreja. Em uma linha mais espiritualista, privilegia-se a evangelização e a celebração dos sacramentos, muitas vezes com fraca incidência social. Em uma postura mais social, por vezes, perde-se o horizonte mais amplo da vida litúrgico-sacramental da fé.

Os bispos do CELAM, no *Documento de Aparecida*, defendem que é fundamental ter a coragem de superar as estruturas caducas e ultrapassadas que já não favorecem mais a evangelização e a transmissão da fé (DAP 365). Contata-se que “o grande obstáculo da pastoral urbana são o medo e a falta de abertura diante do novo” (ALMEIDA, 2009, p. 172). É preciso ter coração para inovar quando é necessário. Sair das estruturas que acomodam. “Em geral, há a tentação de se fechar nos velhos métodos, numa atitude defensiva ante a evolução agressivamente veloz e desconcertante da cultura e da sociedade” (GOMES, 2016, p. 534). Contudo, a ação pastoral em âmbito urbano precisa de pessoas ousadas, que se comuniquem e se expressem de uma forma compreensível e atrativa para as pessoas de hoje.

As novas tecnologias, especificamente, não só figuram como elemento integrador da cultura urbana, mas impactam-na, decisivamente, redefinindo-a em muitos aspectos. “O atual contexto sociocultural, marcado pelo domínio da tecnologia, criou um novo modelo humano encarnado pelos ‘nativos digitais’ e uma atmosfera geral e um ambiente completamente novo com os valores e limites pessoais e sociais relacionados (...)”. (RAGONA, 2024, p.35). O domínio da tecnologia ensejou a criação de um novo ambiente na cultura urbana que, encharcado de complexidades sociais e religiosas, apresenta novas exigências à ação evangelizadora.

Cultura Urbana e Algoritmos

As novas tecnologias e mídias sociais criaram novo ambiente antropológico que tem determinado a cultura urbana, a partir do regime da informação, categoria de análise deste artigo. Byung-Chul Han, filósofo coreano, chama de “regime da informação a forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos” (2022, p. 7). A cultura urbana, remoldada pela presença abrangente das tecnologias digitais e impulsionada pelo regime da informação, recepcionou/a mudanças na forma de interagir socialmente, prestar serviços, praticar esportes, consumir, favorecer mobilidade, debater a vida pública e vivenciar a fé.

Elemento integrante do regime da informação, o algoritmo é uma sequência de instruções definidas para resolver um problema, executar uma tarefa ou possibilitar um resultado concreto, dentro de uma linguagem de programação. Os algoritmos podem ser distintos em diferentes tipos, quais sejam, ordenação de informações, filtragem de conteúdo, compressão de documentos, proteção de dados e busca de informações. Por meio desta sequência de instruções ordenadas, as tarefas podem ser executadas com mais celeridade e com uma quantidade menor de recursos, de modo eficiente e preciso.

Os algoritmos favorecem também o “aprendizado das máquinas” (*machine learning*), para tomadas de decisões e elaboração de prospecções. De modo que, cada vez que uma pessoa acessa um programa ou rede, ensina-os sobre o que pensa ou gosta, configurando

cenários que ajustarão as escolhas definidas pelo algoritmo ao gosto individual. Quanto mais é acessado, mais conhecimento o algoritmo adquire sobre o usuário. Isto acontece nas redes sociais, *streaming* de áudio e vídeo, assistentes virtuais, sistemas de reconhecimento facial, tradutores *on-line*, recomendação de produtos, entre outros. O *aprendizado de máquinas* constitui parte essencial das inteligências artificiais (AI), fazendo com que máquinas ou sistemas reproduzam comportamentos humanos, de aprendizado e resolução de problemas. Registremos que os algoritmos estão estruturalmente ligados às inteligências artificiais³ (IA), uma vez que, as IA utilizam-nas para o tratamento dos dados, solução dos problemas ou execução de tarefas.

Os algoritmos integram a cultura urbana quando influenciam a economia e os comportamentos de consumo, direcionando compras por anúncios; quando modelam a experiência de mobilidade urbana, definindo rotas e percursos, alterando o tempo de deslocamento das pessoas; quando possibilita curadoria de experiências de lazer e entretenimento ao elaborar playlists dos streamings de áudio e vídeo; quando estimulam interações sociais, por meio da conexão de pessoas por aplicativos e redes de relacionamentos, fomentando comunidades ambientais; quando influenciam tendências sociais, ao direcionar conteúdos que formam opiniões e definem debates públicos. Tudo isto através dos *smartphones* e da internet das coisas⁴. Quanto mais dados

³ Exemplos de IA focadas em texto: Chat GPT, Bard, Nvidia, Baai. Além destas IA existem séries de outras inteligências com diferentes aplicações: áudio, vídeo, imagens, finanças, saúde, marketing, educação, entretenimento etc.

⁴ Quando aliada à “internet das coisas”, os algoritmos são capazes de alterar o fluxo de tráfego do trânsito (sinaleiras inteligentes), otimizar a gestão de energia da iluminação

são gerados nas comunicações virtuais e pesquisas de interesse, mais são consolidadas informações a respeito dos gostos e preferências individuais, a ponto de haver uma personalização da experiência social pela *operação algorítmica*.

Neste ponto, a relação entre a cultura urbana e a tecnologia dos algoritmos, apresenta consequências para a sociedade e para a pastoral, em que pesem facilitar a vida cotidiana. Ainda que possam ser programados sem enviesamento, a lógica de funcionamento dos algoritmos (aprender gostos dos usuários e mostrar conteúdos que correspondam às demandas subjetivas) cria *bolhas de realidade*, isto é, ambientes que mantêm os indivíduos expostos à conteúdos de acordo aos seus *perfis de comportamento*, privando-os da experiência da alteridade. Neste sentido, as operações algorítmicas criam o ambiente necessário ao fortalecimento de específicas visões políticas, sociais e culturais. Observe-se que se um algoritmo for programado de modo equivocado (com dados incompletos, sem representatividade ou tendenciosos), naturalmente, reforçará autorrefencialidade, segregações, racismos e preconceitos, discursos de ódio e *bullyings* que, já, estão presentes na sociedade e na base de dados com os quais alimentamos estas operações algorítmicas. A lógica de funcionamento dos algoritmos no regime da informação, fragmenta e altera a percepção da realidade.

pública, Wi-Fi público gratuito nas ruas, como exemplos de aplicação. A própria vida doméstica é afetada por meio dos assistentes virtuais (Alexa, Google Assistant, Siri, Bixby), eletrodomésticos utilizados para limpeza das casas, ajustes de temperatura do ambiente e sistemas de segurança. Desta maneira, os algoritmos se entrelaçam com o cotidiano e com a cultura urbana.

A influência do regime da informação no indivíduo ocorre num nível tão profundo que é capaz de formar um espelho do inconsciente no digital. “Big data e inteligência artificial constituem uma *lupa digital* que explora o inconsciente, oculto ao próprio agente, atrás do espaço de ação consciente” (HAN, 2022, p.23). Disto, podemos inferir que, com o suporte e lógica do algoritmo, há uma interferência do regime da informação no comportamento do indivíduo sem que ele fique consciente desta intervenção, consolidando uma espécie de inconsciente digital. “O *Big data*⁵ e a inteligência artificial levam o regime da informação a um lugar em que é capaz de influenciar nosso comportamento num nível que fica embaixo do limiar da consciência” (Ibidem.). Por conseguinte, o regime da informação contribui, decisivamente, na formação da identidade de um novo sujeito para a cultura urbana. Sobre este equacionamento entre sujeito e cultura, reflete Stuart Hall:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. (...) A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2014, p. 11).

⁵ Conjuntos de dados que, em razão do tamanho e complexidade, não podem ser processados por ferramentas habituais de análise de dados.

Unificados sujeito e cultura urbana, os elementos do regime da informação (algoritmos, *influencers*, infobolhas e bolhas sociais) podem tranquilamente direcionar os indivíduos aos interesses políticos ou do mercado, reduzindo a pluralidade do pensamento, polarizando a opinião pública, alimentando a desinformação com Fake News e determinando as eleições. O Papa Francisco refletiu sobre as inteligências artificiais, em sua mensagem pelo 58º Dia Mundial das Comunicações: “podem ser instrumentos de poluição cognitiva, alteração da realidade através de narrações parcial ou totalmente falsas, mas acreditadas – e partilhadas – como se fossem verdadeiras” (2023). O novo sujeito da cultura urbana vive numa embriaguez de informações fragmentadas, a ponto de ver-se confundido por *Fake News* e agitado por discursos de ódio, que, em muitos lugares do mundo, se desenovelam em crises para o contexto público e democracia.

É inequívoco que o regime da informação acabou provocando uma erosão da esfera pública e uma privatização das experiências sociais na cultura urbana. As instituições, referências sólidas e autorizadas da sociedade, hoje são mais relativizadas, até quando se ocupam em oferecer uma palavra balizadora nos momentos críticos da sociedade. “Os mundos urbanos seguem uma forte lógica de individualização. Não se trata de abandono das instituições e das tradições, mas da redução de sua incidência sobre o indivíduo” (AMADO, 2018, p. 181). Suas lideranças enfraquecidas buscam recuperar a confiança estremecida, por meio da incorporação de elementos de transparência nas suas práticas. As mediações sociais e religiosas, agora se diluem no individualismo e

autorreferenciamento. O púlpito religioso, o palanque eleitoral, a cátedra escolar e universitária e a cadeira do consultório são substituídos pelo lugar de fala dos *influencers*.

Como desdobramento desta simbiose entre cultura urbana e algoritmo, as vivências religiosas e sociais têm se privatizado. O processo que, já, estava latente na sociedade ganhou impulsionamento com a pandemia de Covid-19 (2020 - 22). Cultos migraram para plataformas digitais, a educação formal retornou ao lar através das práticas de *homescholling*, e as consultas médicas que exigiam encontro presencial e averiguação acontecem mediadas por das teleconsultas. O *streaming* consolidou-se no serviço de entretenimento e conhecimento *on demand*. As redes sociais espalham uma rede global, conectando e confinando ao mesmo tempo, em dinâmicas que relativizam a presencialidade. As pessoas buscam refúgios em suas bolhas particulares, moldando a vivência da fé e a comunidade à própria imagem. As instituições tradicionais da cultura urbana (estado, igrejas, universidades, forças militares e policiais, associações profissionais, organizações da sociedade civil) tentam resistir ao enfraquecimento e erosão sociais, ao tempo em que se adaptam ao “novo normal”.

Pastoral Urbana e Algoritmos

O imbricamento da cultura urbana com os algoritmos e tecnologias do regime da informação tem causado alterações no *ethos* religioso católico, e apresentado novas exigências à pastoral. Uma vez que consciência social e eclesial forma-se mutuamente, o sujeito da

cultura urbana algorítmica tem contribuído para novos fenômenos no campo pastoral, no específico da vivência da fé, da reflexão inspirada na fé e da própria dimensão sociotransformadora da fé. Uma das inflexões no *ethos* religioso católico no regime da informação foi causado em razão do confinamento social e religioso, a que todos foram obrigados mundialmente com a pandemia do Covid-19. Processos que já estavam latentes tiveram tempo suficiente para devolver-nos de outro modo para a cultura urbana e vivência religiosa.

O magistério do Papa Francisco ocupou-se do tema, na 71ª Semana Litúrgica Nacional Italiana, “A Liturgia ‘suspensa’ durante o longo período de confinamento e as dificuldades da sucessiva retomada confirmam o que já se via nas assembleias dominicais da península italiana, indicação alarmante da fase avançada da mudança de época” (2021). O confinamento sociorreligioso a que foi obrigada a sociedade catapultou-a para novas dinâmicas sociais que encarnam grande parte dos valores da época em mudança (hiperindividualismo, competições, desconstrução da coletividade, autorreferenciamento e autossuficiência, entre outros) Expressão do regime da informação, o ambiente digital transmutou-se em alternativa à manutenção da vivência da fé e do acompanhamento religioso dos fiéis

Mudanças também aconteceram entre os atores da comunidade dos fiéis, a saber, que tornaram-se *followers*, muitos ministros ordenados e lideranças pastorais se tornaram *influencers*, levando a sua atuação pastoral para além dos limites da geografia paroquial. Novos pertencimentos comunitários foram gestados à medida que operações

algorítmicas moldavam a experiência religiosa aos gostos individuais e perfis de comportamento, ao tempo em que as pessoas se viam impossibilitadas da convivência presencial, provocadora da salutar metamorfose oriunda do contracenar de ideias e pensamentos.

Neste período da pandemia, proliferaram-se os memes⁶ no contexto religioso. Estes já provocavam arroubos na vida social e política, e ganharam forças para anestesiar desconfortos causados pela experiência do isolamento social. Elementos do infoentretenimento foram recepcionados dentro do catolicismo, gerando uma memeficação da experiência de fé, que integrou a vida religiosa como novo elemento da pastoral na cultura urbana e digital. Os afetos e inteligências religiosas começaram a ser mobilizados de modo viral pelas imagens dos memes, que não contribuem para uma reflexão acerca da experiência religiosa e dos cursos que estavam tomando. Apenas, oferecem um caráter de entretenimento às vivências e acontecimentos.

Deste processo, alerta-nos o Papa Francisco, saímos diferentes. “Observamos como na vida real das pessoas mudou a própria percepção do tempo e, conseqüentemente, do domingo, do espaço, com repercussões no modo de ser e de sentir-se comunidade, povo, família e da relação com um território” (2021). Mesmo com o encerramento da pandemia, os fiéis prosseguiram no confinamento pastoral, não mais, dentro dos limites espaciais das residências, mas, dentro de bolhas sociais e religiosas gestadas pacientemente ao longo de três anos. Com

⁶ Imagens ou vídeos curtos com capacidade de entreter e ser replicado na internet com rapidez, de modo virulento.

resistências ao convívio social, as pessoas retomaram gradualmente as atividades religiosas presenciais, mas dentro de um *catolicismo que se curva para dentro*, fomentado pelas *infobolhas* das redes sociais do regime da informação.

Como é sabido, uma das características do espectro autista é a dificuldade de socialização e o comportamento limitado e repetitivo. Catolicismos com espectros autistas tem integrado a cultura urbana e apresentado novas exigências à pastoral. Integra a experiência do catolicismo na cultura urbana, pós pandemia de Covid-19, dentro do regime da informação, a seguinte caracterização: 1- apego à rotina de informações e conteúdos oferecidos pelas operações algorítmicas (ler notícias, ao comprar produtos, visualizar vídeos e escutar músicas) que oferecem conforto e segurança religiosa e existencial para situar-se no mundo turbulento, pautado por diferentes ideologias e transformações; 2- experiência intensa com os conteúdos (memes e notícias) que fascinam nas infobolhas, replicados nas redes sociais antes mesmo de aferir a veracidade, muitas vezes incorrem na desinformação e na propagação de *Fake News*; 3- sobretudo, dificuldade de interação social e religiosa com o outro e com outras expressões eclesiais, em razão da dificuldade de escuta. Este último ponto, evidencia uma crise de escuta atenta, necessária à experiência do discernimento, diálogo e trabalho pastoral conjunto.

Esta caracterização do catolicismo da cultura urbana no regime da informação pode ser aplicada à diversas expressões eclesiais (tradicionalistas, devocionais, ligados aos movimentos sociais,

conservadores, carismáticos). Os seus atores são hipnotizados para o que o Papa Francisco chama de *echo chamber* (câmara de eco), em sua mensagem sobre as inteligências artificiais (2023). “Nestes casos, em vez de aumentar o pluralismo da informação, corre-se o risco de se perder num pântano anónimo, favorecendo os interesses do mercado ou do poder” (ibidem), conclui o Papa Francisco. Temos, assim, com os diferentes moldes dos gostos individuais, diferentes catolicismos na cultura urbana, com o seguinte espectro: repetição de consumo de informações e conteúdos, numa espécie de auto doutrinação, fascinação com o espelho do seu autorreferente universo particular e com dificuldade de convivência comunitária e trabalho conjunto.

No contexto das comunidades paroquiais, isto faz com que fiéis busquem ministros ordenados e modelos de paróquias dentro de específicas visões de mundo, colocando em segundo plano o valor da comunidade e dos próprios sacramentos na mediação da fé; troquem seus párocos e lideranças pastorais por *influencers* católicos com formação *coaching*; façam suas orações ou sigam devoções transmitidas ao vivo por *youtubers*; surjam um pulular de pedidos de sacramentos da eucaristia para catequese feita pela própria família, numa versão “*homeschooling da iniciação à vida cristã*”, e antecipação do sacramento da primeira eucaristia à crianças recém saídas da primeira infância; fiéis alimentando-se de publicações sobre o catolicismo, do período da cristandade e do final da segunda metade do séc. XIX e começo do séc. XX, que reproduzem uma imagem da Igreja Católica triunfante sobre a sociedade, reimpressos por editoras com linhas voltadas para bolhas

sociais específicas; surjam escolas católicas organizadas por fiéis leigos, dentro de determinada perspectiva ideológico-cultural, nas geografias eclesiais das dioceses; cursos elaborados e plataformas de ensino para tratar de demandas religiosas e pastorais específicas (comportamento, educação, família, vida pessoal, teologia, sociedade); infoentretenimento que possibilita plataformas e elabora playlists com restritos conteúdos de fé dentro do *streaming*.

Experiências ainda mais radicais mostraram surgimento de *haters* entre católicos, discursos de ódio nas redes sociais, desincentivo das campanhas eclesiais, proliferação das *Fake News*, ataques ao papa e aos outros ministros ordenados, e até tentativas de *cancelamento* de bispos e padres (expulsão do outro). Em muitos lugares, há uma perda da empatia que pode desenovelar-se numa crise de solidariedade como um segundo desdobramento do regime da informação no ambiente eclesial, no médio ou longo prazo.

Observemos que, transversal à todas estas experiências existe a operação algorítmica da comunicação digital que personaliza a produção de conteúdo remetendo-os aos espaços privados dos fiéis, por meio dos *smartphones* e internet das coisas. O algoritmo produz um prognóstico do fiel e do seu “biotipo” eclesial, e prospecta conteúdos e informações que corroboram com as suas convicções. Há um estreitamento do horizonte eclesial do fiel que compreende a sua única experiência como autêntica experiência de fé, em razão da falta de oportunidade do diálogo com o outro. Estas bolhas de informações transmitem sensação de que pode haver comunicação e vivência religiosa sem a presença do outro,

sem mediação e sem a contribuição da comunidade de fé. Este modelo de comunicação, pode causar a corrosão das pequenas comunidades dos fiéis ou o consolidar comunidades cristãs, que partilham de mesmo espectro político, econômico, social e educacional, no médio prazo.

Subjaz à experiência social e religiosa no contexto da cultura urbana afetada pelo regime da informação o mesmo colapso que Byung-Shul Han identifica na democracia, a saber, uma *crise da escuta atenta* (HAN, 2022, p.53). Existe uma crise de escuta porque a alteridade (e tudo aquilo que é diverso e diferente) é eliminado pela *operação algorítmica*, fazendo com que cada indivíduo escute, apenas, a si próprio e suas parciais referências sociorreligiosas. O próprio Papa Francisco registrou esta crise ao propor o tema da escuta no 56º Dia Mundial das Comunicações. “Com efeito, estamos a perder a capacidade de ouvir a pessoa que temos à nossa frente, tanto na teia normal das relações quotidianas como nos debates sobre os assuntos mais importantes da convivência civil” (2022). Em razão da crise de escuta atenta, as pessoas se antagonizam e enfrentam com hostilidade, não dialogando entre si, com a própria cultura urbana e com a contemporaneidade, além de incorrer em situações de exclusão e cancelamento do outro.

Caminhos para a Pastoral na Cultura Urbana, redefinida pelo Regime da Informação

Novas exigências são apresentadas à pastoral no contexto da cultura urbana, gradualmente, redefinida pelo mundo digital. Transversal à todas elas surgem a questão sobre como transmitir a fé cristã no

contexto da cultura urbana algorítmica sem perder-se sob o influxo do regime da informação em que vivemos. Na sequência, apresentamos três indicações para a ação pastoral junto aos cientistas da computação e programadores das operações algorítmicas, aos fiéis e comunidades cristãs, e às instituições eclesiais e sociais na cultura urbana.

É necessário iniciar um trabalho de acompanhamento pastoral dos cientistas da computação, engenheiros de software, matemáticos e programadores de algoritmos e inteligências artificiais. Os algoritmos são definidos por pessoas, e nestas pessoas estão as possibilidades de correção dos algoritmos. O Papa Francisco, em sua mensagem “Inteligência Artificial e Sabedoria do Coração”, reflete que diante da falta de neutralidade dos algoritmos é:

é necessário prevenir propondo modelos de regulamentação ética para contornar os efeitos danosos, discriminadores e socialmente injustos dos sistemas de inteligência artificial e contrastar a sua utilização para a redução do pluralismo, a polarização da opinião pública ou a construção do pensamento único (2023).

Neste processo, é essencial saber como os algoritmos estão sendo programados, apresentar um modelo de regulamentação ética para balizar a atuação o desenvolvimento e as operações algorítmicas, como também, ocupar-se da formação humanística daqueles que definirão os algoritmos. Este acompanhamento pastoral é indispensável para não pautarmos o novo ambiente antropológico que abraça a cultura urbana

com os mesmos problemas que enfrentamos na sociedade. Precisamos de uma “pastoral dos programadores de algoritmos”.

Por seu turno, a conversão pastoral das comunidades eclesiais passa pela superação da aguda *crise da escuta atenta* que vivemos na cultura urbana algorítmica. Importante registrar que, o Papa Francisco recupera o valor da escuta no seu pontificado, e o apresenta como condição para a caminhada conjunta (sinodalidade) da Igreja no terceiro milênio, em vista da sua missão que é anunciar Jesus Cristo. Neste sentido, a metodologia da conversação espiritual proposta como dinâmica de trabalho no contexto do sínodo sobre sinodalidade pode nos fazer reaprender a *escuta atenta* e ajudar-nos a superar a crise, que foi alimentada pelo regime da informação.

A escuta atenta alarga o horizonte eclesial do fiel, mitiga as polarizações, ilumina as desinformações, possibilita a construção de um pensamento plural, fomenta a empatia e aumenta a solidariedade. Neste sentido, precisamos inaugurar espaços e oportunidades de escuta atenta nas nossas comunidades eclesiais, que abranjam o corolário de experiências pastorais que existem entre o confessorário e a assembleia paroquial. Importante também, abrir espaços na rede onde a identidade e a vivência autêntica de comunidade voltem a ser possíveis (HAN, 2022, p.58).

A escuta atenta enseja também a formação de outra cultura no ambiente eclesial e social, a saber, a experiência da amizade social, proposta na encíclica *Fratelli Tutti* e na Campanha da Fraternidade 2024. A categoria da amizade social consiste na aplicação da qualidade ética

da amizade às relações em sociedade, comprometendo-se com o destino do outro. A experiência da amizade social pode contribuir para uma salutar e necessária renovação da autocompreensão das instituições religiosas e sociais na cultura urbana algorítmica que, por seu regime da informação, as tem enfraquecido e erodido gradualmente.

O pontificado do Papa Francisco, com iniciativas como o Pacto Global pela Educação e a *Fratelli Tutti*, e a atuação recente da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil, através do Pacto pela Vida e pelo Brasil, oferecem exemplos inspiradores de como a Igreja pode vivenciar a amizade social com outras organizações da sociedade civil. A partir dos objetivos comuns, sem alijar-se da sua identidade, a Igreja pode oferecer contribuições valorativas hauridas do contexto das comunidades eclesiais para a vida em sociedade e para o desenvolvimento integral, de modo a fazer-se presente em discussões importantes da sociedade contemporânea e contribuir na construção de uma cultura urbana solidária e fraterna.

Conclusão

A cultura urbana contemporânea, permeada por algoritmos e novas tecnologias, apresenta desafios e oportunidades para a ação pastoral da Igreja na atualidade. Os algoritmos condicionam experiências sociais e religiosas por meio das bolhas de informações, redefinindo o *ethos* religioso, pessoal e comunitário, e enfraquecendo instituições sociais. Nesse contexto, o acompanhamento pastoral dos programadores, a escuta atenta das pessoas e a experiência da amizade social, se tornam

indispensáveis para a renovação da autocompreensão da pessoa humana na cena urbana, das comunidades eclesiais e da própria sociedade.

No fundo, o núcleo fundamental e estruturante da atuação *ad intra* e *ad extra* da pastoral da Igreja em âmbito urbano toca a relação entre fé e cultura (GOMES; FERNANDES, 2024, p. 439). Nesse sentido, o Papa Francisco, em seu discurso em comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos (2015), insiste em uma Igreja comunhão e participação pela via da sinodalidade, do caminhar juntos, da escuta e da acolhida dos anseios de renovação que o Espírito Santo suscita no coração e na consciência dos fiéis.

Como uma nova fase de recepção do *aggiornamento* conciliar, Francisco é um papa “promotor” do Concílio Vaticano II. Pode-se dizer que “uma das características fundamentais do pontificado de Francisco consiste em colocar em movimento um processo amplo de renovação eclesial em comunhão e em continuidade com o processo de *aggiornamento* iniciado pelo Concílio Vaticano II” (CAUDURO; GOMES, 2024, p. 276). O próprio do texto do relatório final da Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, de outubro de 2024, vai deixar isso bastante claro ao afirmar que “o caminho sinodal é, de fato, concretizar o que o Concílio ensinou sobre a Igreja como Mistério e Povo de Deus, chamada à santidade através da conversão contínua que vem da escuta do Evangelho” (n. 5).

A presente pesquisa não pretende fechar a questão. Muitos pontos permanecem abertos para pesquisas futuras, como os seguintes temas: a relação entre a formação presbiteral e a conjuntura do regime de

informação atual; a atuação dos ministros ordenados e as infobolhas; a educação católica e as operações algorítmicas; os movimentos eclesiais e as novas comunidades diante da simbiose entre cultura urbana e algoritmo; a Iniciação à Vida Cristã e as bolhas eclesiais diante dos apelos do Papa Francisco para a edificação de comunidades eclesiais sinodais e missionárias que se renovem “a partir do coração do Evangelho” (EG 34-39). Esses e outros temas requerem que uma reflexão continuada sobre cultura urbana, algoritmos e ação pastoral da Igreja na atualidade.

Referências

ALMEIDA, Antonio José de. **Paróquia, comunidades e pastoral urbana**. São Paulo: Paulinas, 2009.

AMADO, Joel Portella. Igreja e grandes cidades: estado atual da questão. In: BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro Luis B. **Cultura urbana: porta para o evangelho**. São Paulo: Reflexão, 2018.

AUGÉ, Marc. El planeta como lugar: ciudad-mundo y mundo-ciudad. In: MARTÍNEZ SISTACH, Lluís (Ed.). **La pastoral de las grandes ciudades**. México: PPC, 2015, p. 33-42.

BRAVO, Benjamín. El tejido eclesial y los tejidos urbanos: sociales, económicos, culturales, religiosos. In: MARTÍNEZ SISTACH, Lluís (Ed.). **La pastoral de las grandes ciudades**. México: PPC, 2015, p. 120-136.

CALIMAN, Cleto. A Igreja na cidade. In: ANTONIAZZI, Alberto; CALIMAN, Cleto (Orgs.). **A presença da Igreja na cidade**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 7-10.

CAUDURO, Mercio José; GOMES, Tiago de Fraga. Tradição da Igreja e renovação eclesial em tempos do pontificado de Francisco. **Revista Pistis & Praxis**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 274-292, 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo atual**. 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html#>. Acessado em: 01 nov. 2024.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023**. Brasília: CNBB, 2019.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 3. ed. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social**. 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acessado em: 01 nov. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos**. Discurso do Santo Padre Francisco. Aula Paulo VI. 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html>. Acessado em: 27 out. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acessado em: 27 out. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Global compact on education. Together to look**

beyond. Mensagem em vídeo do Papa Francisco por ocasião do encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica. Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 15 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201015_videomessaggio-global-compact.html>. Acessado em: 01 nov. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem aos participantes da 71ª Semana Litúrgica Nacional Italiana.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/es/messages/pont-messages/2021/documents/20210823-messaggio-cal.html>. Acessado em: 11 Fev. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Escutar com o ouvido do coração.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acessado em: 10 Fev. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para o 58º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Inteligência artificial e sabedoria do coração.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20240124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acessado em: 09 Fev. 2023.

GIORGINI, Pierre & MACNIN, Thierry. **Entrando na civilização dos algoritmos: Desafios éticos em perspectiva de ciência e fé.** São Paulo: Santuário, 2023.

GOMES, Tiago de Fraga; FERNANDES, Rafael Martins. Igreja local e pequenas comunidades: um estudo no contexto das reflexões do episcopado latino-americano. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 56, n. 2, p. 427-452, 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HAN, Byoung-Chul. **Infocracia: Digitalização e crise da democracia**. São Paulo: Vozes, 2020.

HAN, Byoung-Chul. **No enxame: Perspectivas do digital**. São Paulo: Vozes, 2018.

KLEIN, Otavio José. Mundo virtual, pós-humano e/ou midiaticado. In: RODIGHERO, Ivanir; CARLESSO, Jair; MEZADRI, Neri (Orgs.). **Pastoral urbana: sinais de esperança**. Passo Fundo: Itepa, 2011, p. 62-73.

MARCHINI, Welder Lanciere. **Identidade cristã e pastoral urbana: método e perspectivas**. Ciberteologia (São Paulo), v. XIII, p. 152-167, 2017.

RAVASI, Gianfranco in. RAGONA, Fábio Marchese (Org.), Coleção **Jubileu 2025 Peregrino de esperança: A cultura**. São Paulo: CNBB, 2024.

XVI ASSEMBLEA GENERALE ORDINARIA DEL SINODO DEI VESCOVI. **Per una Chiesa sinodale: comunione, partecipazione, missione**. Documento finale. Seconda Sessione (2-27 ottobre 2024). Città del Vaticano, 2024.